

A amizade de Freud e Binswanger sob perspectiva fenômeno-estrutural

Gustavo Gil Alarcão¹

Resumo

Este artigo busca resgatar a importância da amizade entre Freud e Binswanger. A coletânea de suas correspondências mostra que a amizade esteve presente nos vários níveis segundo os quais se relacionaram: pessoal, profissional, político-institucional e teórico-conceitual. O artigo propõe um olhar fenômeno-estrutural dessa relação, cuja amizade é pensada como a estrutura deste encontro. Embora alguns trabalhos já tenham abordado a questão do ponto de vista teórico-conceitual, acredita ser necessário ressaltar que essa troca teórica esteve permeada decisivamente pela amizade de ambos. Ensaia-se também uma correlação entre esta amizade e as trajetórias da psicanálise e da análise existencial, como escolas que privilegiaram o estudo da condição humana de forma bastante profunda.

Palavras-chave: Freud; Binswanger; Psicanálise; Análise Existencial; Amizade.

The friendship between Freud and Binswanger in perspective phenomenon-structural

Abstract

This article seeks to rescue the importance of the friendship between Freud and Binswanger. The selection of his correspondence shows that their friendship existed at the various levels according to which they related: personal, professional, political-institutional and theoretical-conceptual. The paper proposes a structural-phenomenological focus on this relationship, whose friendship is thought of as the primary structure of the meeting. Some studies have already explored the theoretical-conceptual aspect. However, it is

¹ Membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP. Psiquiatra do Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo HCFMUSP. Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural SBPFE. Email: gustavogilarcao@yahoo.com.br

believed to be vital to emphasize that this theoretical exchange was decisively permeated by their mutual friendship. The article also essays a correlation between their friendship and the trajectories of psychoanalysis and existential analysis, as schools that favored the study of the human condition from a profound point of view

Keywords: Freud; Binswanger; Psychoanalysis; Existential Analysis; Friendship.

“Nós nos mantivemos fieis um ao outro durante um quarto de século, como algo que era óbvio e fizemos pouco alarde sobre isso” (Fichtner, 2003, p.206)²

“Diferentemente de muitas outras pessoas, você não permitiu que o seu desenvolvimento intelectual, o qual você afastou crescentemente de minha influência, destruísse nossa amizade, e você não tem ideia do quão bem este refinamento faz a uma pessoa” (Fichtner, 2003, p.195)

“Freud é de fato a minha maior experiência humana [...] a minha experiência do maior ser humano com quem eu já deparei...” (Fichtner, 2003, p. xxi, citando Binswangers Diary VIII, p.126)

Por que Freud e Binswanger?

Cada homem elege os caminhos que percorrerá ao longo de sua trajetória. A história olhada criticamente é para mim indispensável fonte de reflexão. Psicanálise, psiquiatria, fenomenologia, psicopatologia, análise existencial e psicoterapia são campos complexos por excelência. A complexidade inerente desses campos atrai fortemente nossos olhos para dentro de cada um deles, para seus conceitos e suas produções. Com os olhos detidos podemos deixar de captar as inter-relações e os modos de desdobramento que levaram esses campos a se desenvolverem. Indo um pouco além, podemos também nos esquecer de que os campos em si não existem, são criados e mantidos pela ação dos homens que os construíram e os mantêm.

² O presente artigo apresenta vários trechos que foram traduzidos pelo autor, uma vez que as obras utilizadas como referência não estão disponíveis em português.

Freud e Binswanger são dois grandes pensadores que construíram formas únicas de pensar e trabalhar clinicamente e que se mantêm até os dias de hoje como pilares do conhecimento psíquico.

Sigmund Freud e Ludwig Binswanger se corresponderam por 30 anos, entre 1908 e 1938. Em 1992, Gerhard Fichtner³ editou e publicou em alemão a coletânea dessas correspondências, que foi traduzida para o inglês em 2003 por Arnold Pomerans⁴. Trata-se de uma fonte preciosíssima de pesquisa que contém os vários elementos que fizeram parte dessa troca. Como um primeiro exercício, penso ser possível delinear quatro níveis dessa relação:

1. Nível pessoal (e também familiar);
2. Nível profissional (o intercâmbio de pacientes);
3. Nível político- institucional (questões sobre o Movimento Psicanalítico e sobre as instituições psiquiátricas);
4. Nível teórico- conceitual (o plano das ideias, das visões de mundo).

Também é possível reconhecer os pontos de aproximação e distanciamento entre suas ideias e propostas, mas, sobretudo, e isto estimulou decisivamente a escrita deste trabalho, é tácito perceber uma relação de amizade que se manteve ao longo de três décadas. É esta amizade que se coloca como amálgama que une esses diversos níveis.

Além da coletânea de correspondências, é o próprio Binswanger quem nos deixa outras valiosíssimas fontes de pesquisa em artigos que foram reunidos por Roger Lewinter na obra intitulada *Analyse existentielle, psychiatrie clinique et psychanalyse: Discours, parcours et Freud*⁵ (Análise existencial, psiquiatria clínica e psicanálise: Discurso, percurso e Freud, publicada em 1970 pela editora francesa Gallimard). Nesses artigos, Binswanger analisa a

³ Gerhard Fichtner (1932-2012) foi professor de História da Medicina em Tübingen, importante e tradicional cidade universitária alemã, localizada próxima a Stuttgart. Trabalhou também na compilação de trabalhos de Galeno e Hipócrates, além de auxiliar na publicação eletrônica das obras de Freud, já na década de 80.

⁴ Arnold Pomerans (1920-2005) foi um conhecido e renomado tradutor britânico. Realizou mais de 200 traduções de várias línguas europeias, com especial afinidade pelo holandês (Podemos citar :Louis de Broglie, Jules Romain, Jan Huizinga, Werner Heisenberg, Anne Frank, Sigmund Freud, Jean Piaget, Hugo Claus, Vincent Van Gogh and George Grosz). Relata-se que apresentava também um bom estilo para traduções de psicanálise, buscando não somente a tradução literal do texto, mas o acréscimo do sentido e do significado das obras.

⁵ Trata-se de uma excelente fonte de consulta com uma série de artigos da autoria Binswanger extraídos por Roger Lewinter para compor o livro. Além disto, há uma elucidativa introdução de Pierre Fédida que pode ser útil para situar o leitor nesse campo. Quando forem citados nos textos, faremos referência ao ano de publicação do artigo por Binswanger.

psiquiatria, a psicanálise, a análise existencial e também seu próprio percurso com relação às ideias de Freud (tanto no plano pessoal, quanto no plano teórico-conceitual). É indispensável destacar o enorme prazer que tais leituras proporcionam, de modo especial o texto contido nas “Lembranças sobre Sigmund Freud”, escritas por Binswanger, que é incrivelmente convidativo para qualquer leitor. Há um ritmo e um encadeamento de ideias que nos revelam muito sobre o olhar de Binswanger e da relação que manteve com Freud. Acredito que este prazer, em que pese minha leitura pessoal, está também relacionado com o modo pelo qual a amizade de ambos foi vivida.

Penso em uma configuração que abarca os homens, suas ideias e suas ações. Assim, analisar microscopicamente essa trama é o ensejo deste texto. Vivemos em um tempo no qual a distância possível entre ideias, práticas e personalidades é pronunciada. Além disto, no que tange ao campo “psi”, o debate no plano das ideias, que inclua questões mais profundas sobre a condição humana, os rumos da ciência e as motivações dos pesquisadores, não acontece de forma suficiente. Inquieta-me profundamente a distância atual entre discurso e prática. Nosso objeto de estudo é precioso e abordar a condição humana por qualquer perspectiva escolhida é assunto sério, merecendo consideração, honestidade intelectual e coerência entre as ideias apresentadas e a prática que dá corpo a estas ideias. Para mim este é o nó central. Freud e Binswanger nos servirão de exemplo muito real de como é possível ter coesão entre aquilo que se fala, pensa e faz. Ao mesmo tempo, veremos que é possível discordar e divergir sem perder o apreço mútuo, sem empobrecer o debate e sem direcioná-lo para outros objetivos que não a discussão das ideias.

Guias de investigação

Os guias de investigação articularão os níveis acima propostos a partir de dois vértices principais:

1. Questões que surgiram do mergulho na relação entre Freud e Binswanger: como pensar a amizade de ambos nos quatro níveis acima mencionados?

2. É possível delinear a essência desta relação? Esta essência pode ser pensada através de perspectiva fenomenológico-estrutural?

O uso da noção de estrutura como método

Utilizarei a noção de estrutura a partir da perspectiva extraída de Messas: “estrutura que deve ser entendida parcialmente no sentido que Aristóteles dá à alma” (Messas, 2012, p.183). Esta estrutura seria formada de alguns elementos cuja “composição relativamente estável e relativamente duradoura ao longo do tempo” pode ser identificada como essencial (Messas, 2012, p. 183).

Esta forma de pensar enseja “se desvencilhar de explicações conjunturais para buscar isolar a estrutura do encontro que os fatos narram” (Vieira, 2002, p.114).

Por que se justificaria a concepção de uma estrutura como essência da análise de nossa proposta? Justamente porque através da composição de uma estrutura encontramos aquilo que bem representa o que pensamos. Tanto no processo de construção desta estrutura, quanto no resultado desse processo (a estrutura em si) estamos envolvidos com aqueles componentes que melhor e mais aproximadamente caracterizariam esse recorte da realidade.

O processo de análise e reflexão, feito com as idas e vindas do pensamento sobre este tema, encontrou na amizade de ambos a marca essencial de sua relação. A amizade, que como *seiva* nutriu, e manteve viva esta relação. Como esta matéria viva e nutritiva alimentou e permeou a relação desses dois homens, suas práticas profissionais e suas teorias?

Assim a partir dos quatro níveis propostos tentaremos construir micro estruturas, configurações estas que possam exprimir, em termos fenômeno-estruturais, partes da estrutura maior, a amizade de ambos.

Meus pés estão firmes no chão e o entusiasmo não esconde as dificuldades, divergências e conflitos também presentes. Porém, é justamente aí que mora a riqueza e a particularidade do que buscaremos apresentar neste artigo. A despeito das diferenças, algo se manteve. Algo móvel que acompanhou as trajetórias pessoais, profissionais e conceituais de ambos, que esteve ao mesmo tempo presente naquilo que puderam trocar e naquilo em que discordaram.

Não se trata de um texto linear, composto como uma sequência de fatos e ideias. O texto é um mosaico composto por eixos que irão se articulando. Os eixos serão apresentados a seguir para posterior articulação.

Ancestralidade histórica comum entre psicanálise e fenomenologia

O encontro de Freud e Binswanger é, de alguma forma, também o reencontro entre psicanálise e fenomenologia (e posteriormente a análise existencial). O século XX assistiu ao profícuo desenvolvimento de vários campos do conhecimento que tratam das questões psíquicas. Rollo May⁶ em seu livro “Existência” destaca um fato curioso que pode despertar reflexões: a ancestralidade comum de psicanálise e fenomenologia, em sua opinião, as duas escolas que mais contribuíram para o desenvolvimento científico do campo psíquico. Tanto Husserl, criador da fenomenologia, quanto Freud, fundador da psicanálise, tiveram aulas de filosofia com Franz Brentano, professor da Universidade de Viena. Para May, este fato embora possa ser entendido como mera coincidência, não deixa de ser bastante curioso. O profundo interesse pelo humano presente nessas duas escolas de pensamento é forte marcas de identificação. Binswanger, partindo do seu interesse pela psicanálise, deslocar-se-á para a construção de sua visão antropológica. Neste projeto, o primeiro grande encontro dar-se-á com Heidegger, que o influenciará de forma decisiva, e em seguida com Husserl. É desta fonte fenomenológica que Binswanger encontrará os alicerces para o desenvolvimento de sua análise existencial. Tal qual o movimento psicanalítico, a fenomenologia trouxe enormes contribuições para o pensamento no começo do século passado, ambas questionando, de forma diferente, o modo de pensar e proceder de seu tempo.

Sobre a amizade

“Se me pressionarem para dizer por que o amava, sinto que isso só pode ser expresso respondendo: Porque era ele; porque era eu.”
(Montaigne, 2002 p. 281)

Encontro em Michel de Montaigne uma precisa e vívida consideração acerca da amizade. Partindo dessa constatação inicial “porque era ele, porque

⁶ Rollo May (1909-1994) foi um reconhecido psicoterapeuta norte-americano. Autor de diversas obras no campo da psicologia existencial. A coletânea de textos europeus de fenomenologia e psicopatologia publicados no livro Existência (1956) ajudou a difundir as ideias de autores como Binswanger, Kuhn, Minkowski e Strauss nos Estados Unidos. Tinha afinidade também com autores psicanalíticos, como Otto Rank e o próprio Freud, embora mantivesse um pensamento independente com a relação à psicanálise. Seu repertório e conhecimento filosóficos também merecem ser ressaltados. Além disso, teceu importantes críticas com relação aos rumos contemporâneos das psicoterapias, ressaltando o excessivo apego à técnica e também a superficialidade de determinadas abordagens.

era eu”, penso que podemos reconstruir a peculiaridade da relação entre Freud e Binswanger. Montaigne, em seu ensaio, narra sua amizade com Etienne de la Boétie. Durante toda esta obra encontramos o desenvolvimento de uma verdadeira ode à amizade, à admiração mútua e ao apreço entre amigos. O que mais do que a existência de ambos e a existência do encontro entre ambos para que esta amizade ocorresse? Sim, podemos eleger alguns fatores, talvez vários, mas partamos dessa simples e intransponível constatação: estamos falando de dois homens que em dado momento se encontraram. A leitura de Montaigne é impactante e me transportou diretamente para a amizade entre Freud e Binswanger.

Nível pessoal

O intuito do texto não é fazer um estudo biográfico aprofundado da relação de Freud e Binswanger. Além do mais, seria impossível superar a riqueza das próprias correspondências e dos escritos de Binswanger, que comentam e abordam a relação de ambos, não somente de forma descritiva, mas sim analítica. A seleção dos trechos e da forma de olhar estes trechos foi realizada pelo autor.

Um panorama geral: a coletânea de cartas conta com 174 correspondências entre ambos (Fichtner, 2003, p.xxii), havendo ainda as cartas após a morte de Freud, endereçadas a Anna e Martha Freud. As cartas foram guardadas por Binswanger até a época de sua publicação. Temos ainda os registros de Binswanger dos encontros entre ambos: seis visitas: 1907, 1910, 1913, 1927, 1932 e 1936. Em 1912, ocorre a visita de Freud a Binswanger, por conta da cirurgia que este realizou (a princípio, pensou-se em apendicite, mas foi encontrado um tumor maligno), evento este sempre muito lembrado por Binswanger. Os dois se encontraram também em congressos de psicanálise em Haia 1920 e Berlim em 1922.

Ao dizer que Freud é sem dúvida a maior experiência humana com a qual ele conviveu, Binswanger nos dá uma mostra da potência e das marcas que foram impressas por Freud em sua vida. O encontro de ambos se inicia em fevereiro de 1907: Binswanger, acompanhando um grupo de psiquiatras suíços, incluindo Jung e Abraham, que trabalhavam no importante e reconhecido hospital psiquiátrico suíço Burghölzli⁷, foi visitar Freud em sua casa. Até 1956

⁷ O Hospital Psiquiátrico da Universidade de Zurique foi um dos mais importantes centros psiquiátricos europeus durante quase um século de atividade. Forel, Meyer, E.Bleuler, M.Bleuler, Jung, Minkowski, Abraham, Eitington, além Binswanger foram alguns dos

temos documentos históricos que demonstram a viva presença de Freud no pensamento de Binswanger, que falece em 1966. Logo no primeiro encontro, aconteceu um fato curioso: Freud pediu-lhes que contassem alguns de seus sonhos e se propôs a interpretá-los. Para Jung, Freud disse que o desejo dele era de destroná-lo e tomar-lhe o lugar e, para Binswanger, disse que este queria se casar com sua filha mais velha (o que pareceu pouco convincente para Binswanger). Em seus relatos, Binswanger destaca a atmosfera amigável, afetuosa e respeitosa desses momentos.

Nessa época, Freud já era reconhecido e prestigiado, mas se sentia isolado e criticado e buscava, segundo biografias e cartas, aqueles que pudessem levar o movimento psicanalítico adiante. Binswanger também atesta essa situação: “contra a resistência de um mundo científico não só "obtuso", mas altamente agressivo, que se animava por um desejo fanático de destruir”⁸ (Fichtner, 2003, p.270).

O jovem de vinte cinco anos, herdeiro de longa tradição psiquiátrica em sua família, iniciando sua trajetória de prática clínica, provavelmente estava cheio de expectativas com este encontro. Freud representava mais do que uma figura destacada em seu campo de trabalho; representava, como diz Binswanger: “o movimento intelectual que partia de Viena e que trazia o nome de psicanálise e cuja origem se devia a um só nome, Sigmund Freud” (Binswanger, 1956, p. 268). O homem Freud impactou Binswanger:

A aversão de Freud contra o formalismo e qualquer rótulo, seu charme pessoal, sua simplicidade, sua franqueza e bondade espontâneas, seu humor... E, no entanto, não podemos, em nenhum instante, remover a impressão de grandeza e dignidade que emanava de sua personalidade. (Binswanger, 1956, p.270)

Nos escritos de 1956, Binswanger ainda mantém o mesmo apreço pela pessoa de Freud: “Ele me visitou aqui em Kreuzlingen em 1912, depois de eu ter falado a ele que estava com uma doença grave. Esta visita é um dos testemunhos supremos de amizade que me foi dado a experimentar nesta vida” (p. 365).

Ambos se tratavam sempre como amigos, quase confidentes. A preocupação com o estado de saúde, com as famílias, as constantes informações sobre os filhos e as frequentes perguntas sobre as esposas mostram que as

renomados psiquiatras que por lá passaram. Burghölzli foi o primeiro hospital universitário a aplicar a técnica psicanalítica, sobretudo na administração de Bleuler (1898-1927).

⁸ No original: “*contre la résistance d'un monde scientifique non seulement "obtus" mais aussi hautement agressif*”.

cartas tinham um tom muito pessoal. Durante a primeira guerra, Freud informava constantemente a situação de sua família a Binswanger, dizendo das dificuldades vividas e das apreensões por ter filhos no *front* de batalha. Binswanger relata com enorme gratidão, destacando o apoio que sentiu de Freud em dois momentos cruciais de sua vida: quando realizou a cirurgia abdominal e em estado de convalescença recebeu a visita de Freud e na ocasião da morte de seus dois filhos, destacando o carinho e a ternura da correspondência de Freud naquele momento:

Você ficou ao meu lado, sem hesitar, durante os três eventos mais angustiantes da minha vida - minha doença e as mortes de meus dois filhos -firmemente e calorosamente como poucos dos meus amigos. Estas são coisas que alguém nunca pode ter esperanças de pagar durante toda a sua vida.⁹ (30/03/1936, carta de Binswanger à Freud- 180B).

Os encontros pessoais foram poucos nesses trinta anos. Poucos, porém intensos, deixando em Binswanger impressões importantes que o fizeram registrar informações das seis vezes em que se encontraram pessoalmente.

Ao participar de uma reunião das quartas-feiras na casa de Freud, Binswanger observa a maneira atenta e minuciosa com a qual Freud escuta e responde aos seus interlocutores, mesmo quando estes eram alunos mais jovens. Binswanger menciona que Freud jamais demonstrava superioridade e sempre recorria aos aspectos práticos, à casuística e menos à teoria para montar seus raciocínios.

Não se pode confundir tal clima cordial entre ambos com algo que pudesse restringir ou submeter o jovem psiquiatra aos ensinamentos de um mestre. Pelo contrário, Binswanger relata que, desde seus primeiros contatos com a psicanálise, embora estimulado e interessado, não se convenciu de tudo. Por exemplo, em seus comentários sobre o desenrolar das reuniões de quarta-feira em sua visita a Viena, disse que “algumas interpretações eram de lhe dar frio na espinha”. Perceba-se a diferença entre as impressões sobre homem Freud e sobre o campo psicanalítico.

Ambos liam e trocavam entre si observações sobre seus trabalhos. Freud aguardava ansiosamente os artigos de Binswanger: “Eu recebi o primeiro capítulo da parte II de seu livro hoje e o li de uma só vez, a primeira vista e

⁹ Trecho original em inglês: “You stood by me, in any case, during the three most distressing events of my life- my illness, and the deaths of my two sons- more staunchly and warmly than all but a few of my friends. These are things one can never hope to repay in one’s lifetime” (carta de 30/03/1936).

preliminarmente com muito interesse. É muito instrutivo e muito honroso..."¹⁰ e também: "Não é necessário dizer o quão avidamente aguardo seu livro..."¹¹. A leitura de Freud é crítica e ele expressa sua opinião favorável às noções psicanalíticas, mas não censura as ideias próprias de Binswanger, que às vezes divergem ou criticam a psicanálise, fato que Binswanger reconhece.

Freud aprecia a inteligência, a sensatez, a elegância e a diplomacia de Binswanger: "Com a leitura de sua conferência eu fiquei encantado com sua bela dicção, com sua erudição, com a amplitude de seu horizonte e com seu tato com as contradições"¹². Em alguns momentos, Freud critica a postura de Binswanger, como nas discussões entre 1914-15 - momento de ruptura do grupo suíço do movimento psicanalítico internacional- ou na época do discurso comemorativo dos 80 anos de Freud. A coragem pessoal, no entanto, é lembrada pro Freud. Na carta de 11 de abril de 1929, ele diz: "não me lembro se foi em 1912 ou 1913 quando eu fui visitá-lo e encontrei-o tão cheio de coragem que você ganhou para sempre um lugar cativo na minha estima"¹³.

Também podemos observar como este envolvimento perdurou ao longo dos anos. Apesar de haver uma concentração de correspondências ao redor dos primeiros momentos da relação, elas nunca cessaram de ocorrer. Poder-se-ia argumentar que o impacto de Binswanger sobre Freud diminuiria com o decorrer do tempo, mas o trabalhoso ensaio realizado por Binswanger por conta das comemorações do octogésimo aniversário de Freud e a riqueza dos textos contidos nas "Memórias sobre Freud" nos mostram que o interesse pessoal perdurou ao longo de muitos anos. Isto também pode ser reforçado pela monografia de Caroline Gross sobre Binswanger, na qual consta que o período de interesse de Binswanger sobre Freud estendeu-se de 1907 a 1957 (Gross, 2009, p.23). Freud falece em 1939 e o interesse de Binswanger permanece vivo.

¹⁰ Trecho original em inglês: "I received the first chapter of Part II today and read it at once, on this first, preliminary, reading, with great interest. It is very instructive for me and very creditable." (p. 139, carta de 20/08/1917)

¹¹ Trecho original em inglês: "Needless to say I am eagerly looking forward to your book..." (p.153, carta de 23/06/1921)

¹² Trecho original em inglês: "Reading it, I was delighted by your elegant language, your erudition, the breadth of your outlook, your tact in contradiction." (p. 211, carta de 8/10/1936).

¹³ Trecho original em inglês: "I do not remember whether it was in 1912 or 1913 that I came to see you and found you so full of courage that you won forever a high place in my esteem". (carta 11/04/1929, p. 196)

Fédida, testemunhando a relação de ambos, escreve no prefácio da coletânea mencionada: “nós sabemos que Binswanger ficou, até o fim de sua vida, profundamente ligado à pessoa de Freud”¹⁴ (Fédida, 1970, p.11).

Nível profissional

Do ponto de vista profissional, encontramos uma situação interessante. O método psicanalítico de Freud representou uma revolução para a clínica de sua época. A ambição pela localização anatômica das questões psíquicas, também presente nos primeiros textos de Freud (vide “O projeto para uma psicologia científica” in Freud, 1895/2006, p.333) foi radicalmente substituída por uma maneira própria de trabalhar. Esta maneira estava atrelada diretamente às teorias psicanalíticas, mas o próprio Binswanger ressalta o caráter eminentemente empirista de Freud. Aliás, este fato inquieta Binswanger, “de quão pouca teoria ele precisava” (Fichtner, 2003, p. 234).

É necessário destacar que o modo revolucionário da clínica psicanalítica, isto é, a proximidade com o paciente, a escuta atenta, afetiva e extremamente curiosa foram decisivos na prática de Binswanger. Ele introduziu a psicanálise no hospital da família que já era admirado por oferecer um tratamento diferenciado aos pacientes ali internados, no qual não havia práticas de contenção e de tratamento mais extremas. Por outro lado, ele também foi capaz de dizer que alguns pacientes não se beneficiavam do método psicanalítico .

Binswanger sempre deixou claro seu amor à psiquiatria. Porém, curiosamente, ou de acordo com seu pensamento, Freud se inseria no lastro da psiquiatria e esta seria uma de suas tarefas intelectuais. Após assistir a uma conferência sobre Wernicke¹⁵, em 1911, e ficar muito bem impressionado com os feitos desse psiquiatra no que diz respeito a sua pesquisa em neuroanatomia, Binswanger diz que Freud também merecia um estudo semelhante, cujo título seria “A importância de Freud para a Psiquiatria Clínica”. Ele também fez questão de mencionar que seus dois maiores mestres foram Freud e Bleuler . Em 1921,

¹⁴ Trecho original em francês: “On sait que Binswanger est, jusqu’à la fin de sa vie, resté profondément attaché à la personne de Freud”.

¹⁵ Esta conferência fez parte de uma sessão em Stuttgart (Alemanha) e foi proferida por Liepmann. Freud, no entanto, não tinha nenhuma admiração especial por Wernicke, alias escreveu para Binswanger que ele era um exemplo interessante de pobreza de reflexão científica (*un exemple interessant de pauvreté de la réflexion scientifique, Souvenirs sur Freud*, p.303). Freud já está consolidado em sua prática psicanalítica e provavelmente visões que se restringiam ao organismo não lhe pareciam muito inovadoras.

escreveu para Freud pedindo-lhe autorização para dedicar a ele seu livro *Introdução aos problemas da psicologia geral*.

Se olharmos os registros de *Bellevue*¹⁶, observaremos que Binswanger analisou 28 pacientes, alguns deles por muitos anos. Na carta de 24/01/1911, Binswanger agradece a Freud por seus estímulos à prática da psicanálise, dizendo-lhe que Freud havia acertado em cheio no que diz respeito ao seu caráter e interesses profissionais¹⁷ (Correspondences, p.57). Uma de suas mais conhecidas pacientes, Irma, foi tratada através do método psicanalítico. Este caso foi publicado em 1909.

Também em 1909, Binswanger foi responsável pelo tratamento de um paciente J. v. T. , pelo qual Freud lhe cumprimenta: “você fez um excelente trabalho com J. v. T.”¹⁸ (Correspondences, p.18). Em 1911, outro caso foi publicado por Binswanger, o caso Gerda ou a análise do salto do sapato – *analyse du talon*. São exemplos de vivências práticas de Binswanger, nas quais usou o método psicanalítico.

Esta adesão ao método psicanalítico como prática profissional concentra-se, contudo, no início da relação de ambos, declinando conforme o interesse de Binswanger se desvia para a fenomenologia de Heidegger e Husserl e com a criação de sua própria prática clínica, a análise existencial. Na carta de 23 de agosto de 1938, endereçada a Anna Freud, Binswanger pede para que Anna receba *Grete Ruben*, uma analista em treinamento que trabalhava em Milão e estava de mudança para Londres.

Binswanger considerava a psicanálise como um grande avanço para a própria psiquiatria e é interessante percebermos como sua prática clínica e dedicação minuciosa aos casos e mesmo o seu estilo de clinicar assemelham-se muito mais às influências de Freud do que à psiquiatria tradicional. Ao longo dos anos, ele desloca suas práticas e constitui seu modo próprio, a análise existencial que, sob sua perspectiva, ampliaria o olhar sobre a condição

¹⁶ Bellevue: clínica privada fundada pelo avô de Binswanger em 1857, na cidade de Kreuzlingen para o tratamento de doenças neurológicas e emocionais. O avô de Binswanger gostaria que o hospital viesse a adquirir a fama de revolucionário e nesse sentido muitas modificações foram implantadas, como por exemplo, a abolição dos mecanismos de contenção. Antes de Ludwig assumir a direção do hospital ele esteve sob os cuidados de seu tio, Robert Binswanger (Fichtner, 2003, p.xi)

¹⁷ Trecho original em Inglês: “When you, Dear Professor, encouraged me to help introduce psychoanalysis into medical practise, you hit upon my character and professional interests”(carta 24/01/1911).

¹⁸ Trecho original em Inglês: “You’ve done excellent work with J. v. T.” Este paciente ainda seria tratado outras duas vezes em *Bellevue*, em 1910 e 1911. O fato de Freud confiar no jovem Binswanger é digno de nota.

humana, algo que tanto na psiquiatria quanto na psicanálise ficavam restritos à natureza.

Civita (2012), em sua obra intitulada “Freud e Binswanger”, afirma que a grande diferença no que tange à prática entre psicanálise e fenomenologia é que na fenomenologia *setting* e método coincidem, já com relação à psicanálise seria possível destacar um *setting* e um método: “Se pode primeiro observar que não há na literatura fenomenológica evidência de reflexão específica sobre este argumento, o *setting*”¹⁹ (Morale & Civita, 2012, p.217). Contudo, apesar dessa questão técnica, haveria muita semelhança entre a relação terapêutica estabelecida na psicanálise e na fenomenologia (“encontramos muita afinidade com a psicanálise” - na continuação da p.217).

Nível Político-Institucional

A psicanálise se organizava enquanto “Movimento Psicanalítico” naquele momento. O contato de Freud com o “grupo suíço” provocou grande expectativa, uma vez que pareceu ser uma chance de expansão da psicanálise. Freud estava empolgado com a possibilidade de desvincular a ideia de que se tratava de uma “ciência judaica” (embora esta hipótese apareça na biografia de Freud, escrita por Jones (1952/1989, p.85), nos textos consultados não foi encontrada nenhuma referência a esta questão por parte de Binswanger) e, tanto o fato de serem protestantes, quanto médicos, foram encarados com grande animação.

Este grupo organizou a sociedade suíça de psicanálise, que teve representantes importantes como Jung, Bleuler, Abraham e o próprio Binswanger. Para compreender a dimensão histórica desse momento, Jung foi o primeiro presidente da International Psychoanalytical Association, a IPA, em 1910. Binswanger participou da equipe editorial do jornal e também assumiu cargos na sociedade de Zurique. Quando em 1914, os suíços decidiram se retirar da IPA, por divergências teóricas e também por questões políticas, Binswanger solicitou a Freud permissão para participar da sociedade em Viena, que foi acolhida sem restrições.

A participação de Binswanger foi importante, mas sutil. Evitando entrar em polêmicas, ele foi uma espécie de confidente de Freud, uma vez que nas correspondências, pode-se perceber que ele transmite as questões institucionais

¹⁹ No original: “Si può anzitutto osservare che, in tutta evidenza, non esiste nella letteratura fenomenológica una specifica riflessione su questo argomento, il *setting*”.

para Freud sem, no entanto, ser protagonista de grandes ações. Algo que se repetirá anos mais tarde na ocasião da comemoração dos oitenta anos de Freud na sociedade médica de Viena. Além de prestar homenagem ao homem Freud, Binswanger deixará claras suas diferenças conceituais com relação à psicanálise. Ele ressalta que enviara a Freud sua fala antes de pronunciá-la e que Freud lhe escreveu que deveria influenciar Binswanger de nenhuma maneira, pedindo-lhe apenas discrição com relação à amizade de ambos (Fichtner, carta de 04/04/1936, p.205).

Nível teórico conceitual

Nossa ambição é demonstrar como a amizade de ambos permitiu um diálogo profícuo, mesmo que apresentando divergências. Entre 1909-1939 a psicanálise de Freud passou por transformações teóricas, mas alcançou cada vez mais um *status* de um campo específico de pensamento e prática. Assim, podemos propor que Freud mergulhava cada vez mais na problemática da condição humana utilizando o método e as noções conceituais criadas por ele (e por colaboradores), que tinham cada vez mais a identidade psicanalítica. Seguindo esta forma de pensar a psicanálise, afastava-se da psiquiatria e da medicina. Com a proposta de que profissionais não médicos pudessem ser psicanalistas (texto “A questão da análise Leiga”), Freud (1926) descolou-se da psiquiatria e da medicina e considerava-se o criador de uma nova ciência, a psicanálise, dotada de vocabulário e concepções próprias, que não seria “faxineira da psiquiatria”.

Binswanger também construiu seu próprio campo de pensar e clinicar. Jamais deixou de se considerar psiquiatra e de se apoiar na medicina, mas para ele, estes campos são considerados a partir de uma perspectiva mais ampla, que inclui de forma muito marcante o conhecimento e o diálogo com a filosofia e com as humanidades.

Duas citações de Binswanger nos fornecem boas condições de vislumbrar seus pontos de vista:

- 1- “Da psicologia, da psicanálise e da biologia devemos alcançar a antropologia” (Binswanger, 1970, p. 351).
- 2- “O método de investigação e de terapêutica de Freud foram os primeiros a verdadeiramente elevar a técnica de pesquisa psiquiátrica ao nível de uma técnica médica no sentido pleno do termo” (Memórias sobre S. Freud, p.251)

Binswanger nos auxiliou no estudo de sua relação com Freud e com a psicanálise através de diversos artigos que estão reunidos na obra já citada *Analyse Existentielle et psychanalyse Freudienne: Discours, Parcorus et Freud*. Em um destes artigos, intitulado *Mon chemin vers Freud*, de 1937, ele divide temporalmente as etapas que percorreu em quatro períodos- 1907: primeiro encontro e primeiras impressões; 1908- 1911: experiência profissional; 1911: exame do instrumento e da técnica psicanalítica; 1936 em diante: Freud e a constituição da psiquiatria clínica, por ocasião do 80º aniversário de Freud.

Este elucidativo artigo nos mostra o olhar fenomenológico apurado de Binswanger e suas críticas à psicanálise, que tentaremos transmitir em termos essenciais. Esta crítica também fundamenta de alguma forma o campo criado por Binswanger, a análise existencial, que apesar das influências filosóficas, sobretudo de Heidegger e Husserl, é um campo independente de pensamento e prática.

Binswanger retoma uma frase de Freud: “a Psicanálise seria para a Psiquiatria o que a Histologia é para a Anatomia: um estuda a parte externa dos órgãos o outro estuda sua microscopia e suas interrelações” (Freud, 1916, p.262). Binswanger parte desta ideia para postular o que entende como uma continuidade entre o campo psiquiátrico e o campo psicanalítico, ambos versando sobre uma ideia de homem ancorada essencial e restritamente à natureza. Psicanálise e psiquiatria seriam então campos que partem do natural, do *homo natura* e constroem seus conceitos a partir de e se encerrando nesta noção.

Ele tentará demonstrar que, embora percorram caminhos diferentes, ambos campos estão confinados à mesma noção de homem e, cada um à sua forma, compõe uma teoria hermenêutica e restritiva do ser humano. Esta crítica é também seu argumento para construir então um modo de análise do humano que transcenda a natureza e atinja o cerne da questão tal qual ela se apresenta. Isto porque se tomarmos o humano como sinônimo de natureza somos obrigados a fazer aproximações que distorcem a experiência vivida.

De um lado, a psiquiatria clínica para existir precisa materializar e concretizar a noção de doença mental como uma entidade que penetra e transforma o ser. Mesmo com o acréscimo de Jaspers acerca das noções de processo e desenvolvimento, o modo de pensar da psiquiatria clínica precisa ser causal, seja pela via do endógeno seja pela via da inter-relação com o psicológico no caso dos desenvolvimentos.

A psicanálise se ancora também na visão de um *homo natura*. Binswanger questiona o que seria mais importante para Freud: a visão do conflito psíquico como questão de consciência humana, ou a visão do conflito psíquico como

processo da natureza, de regulação do princípio do prazer. Diz que, segundo sua experiência e conhecimento, a segunda preocupação seria a mais importante.

Sem definições e juízos, mas procedendo através de comparações, aproximações e descrições, Binswanger propõe que este modo de pensar psicanalítico é muito restritivo porque também precisa construir um sistema de pensamento causal, no qual o humano foi decomposto em partes, através na noção de aparelho psíquico, para depois ser recomposto em uma nova unidade. Segundo sua crítica, este procedimento é muito usado e, em seus estudos, Freud não se dera conta de que estava criando um sistema fechado de compreensão (sistema hermenêutico) sobre a natureza humana. Freud precisou construir a noção de aparelho psíquico: tópico, dinâmico, econômico, quantitativo; sistema no qual o homem em sua essência pudesse ser visto, com os itens por ele criados para explicar o psiquismo. Encontramos o que já fora feito por Platão: dividir em várias essências aquilo que se passa em uma só. Ambos sabem que se trata somente de comparação e de equivalências. Ele questiona o que Freud entende por psíquico para demonstrar que na verdade ele está falando de um desdobramento da natureza, da biologia (Binswanger, 1956).

Freud acompanhou o desenvolvimento pessoal de Binswanger, e embora esperasse que este potencial herdeiro escolhesse o caminho da psicanálise, não se opôs às escolhas teóricas de Binswanger.

Binswanger não abandonou a visão médico psiquiátrica sobre as questões psíquicas e o que fez foi incluir a psicanálise no campo da psiquiatria, dizendo que este foi largamente ampliado pela psicanálise. Entretanto, ao acompanhar algumas discussões de psicanálise, Binswanger procedeu olhando-as através de uma lente psiquiátrica e assim, considerou que em alguns momentos faltava conhecimento psiquiátrico para a discussão, quando na verdade a psicanálise vinha, de fato, questionar este conhecimento estabelecido. Nas Memórias, Binswanger escreve sobre uma reunião de quarta feira que teria assistido, comentando que “em determinado ponto lhe pareceu que a falta de educação psiquiátrica da maioria dos participantes estava manifestando-se, pelo menos em termos de terminologia, que deveria ser estabelecida para que uma comunicação estabelece-se” (Fichtner, 2003, p.232).

Binswanger considerava que, embora Freud dissesse não precisar de filosofia (e mesmo criticar o excesso de metafísica para explicar a experiência), ele possuía uma verdadeira veia filosófica “Freud possuía uma autêntica veia filosófica, mesmo se ele não estava consciente disso” (Fichtner, 2003, p.273).

Binswanger e Freud divergiam quanto ao papel da religião e sua articulação com as ideias que desenvolveram. Binswanger considerava que

Freud reduziu toda experiência humana ao nível da natureza e que não seria possível pensar a religião somente a partir desse ponto de vista. Freud discordava fortemente desse ponto de vista, dizendo que a religião era fruto direto do desamparo e da persistência de uma atitude do mundo infantil nas pessoas, chamando-a de “neurose da humanidade”. Aqui merece ser citada a carta de 1936, uma das últimas que trocaram e que mostra, tanto a diferença de pensamento, quanto o zelo para com sua amizade:

Você mantém que com uma mudança de ponto de vista pode-se também ver um piso superior, em que vivem esses ilustres convidados como a religião, a arte, etc. Você não está sozinho nessa; espécimes mais cultivadas do *homo natura* pensam assim. Nesse aspecto você é o conservador, e eu o revolucionário. Se eu ainda tivesse uma vida inteira de trabalho pela frente, eu deveria ousar atribuir uma morada em meu humilde lar a esses personagens nobres. Eu já fiz isso para a religião desde que propus a categoria 'neurose da humanidade'. Mas, estamos falando provavelmente de forma contraditória e vai demorar séculos antes que nossas diferenças possam ser solucionadas. Com amizade cordial e com os melhores cumprimentos para sua esposa, seu Freud. (Fichtner, 2003, p.212)²⁰

A estrutura da relação: amizade como eixo de conexão sob a perspectiva fenômeno-estrutural

Vamos examinar mais de perto como encarnar esta estrutura utilizando a metodologia fenômeno-estrutural baseada nas categorias da temporalidade, espacialidade, corporeidade e intersubjetividade vividas. São modos de articular e pensar a experiência que podem nos revelar sua estrutura.

Um primeiro movimento é suspender julgamentos acerca dos dados biográficos acima expostos, que servirão como material para a tentativa de uma recomposição que oferece **um** modo de pensar (e não **o** modo). A riqueza desse

²⁰ No original, em inglês: “You maintain that if one change one’s point of view one can also see a higher floor, in which there live such distinguished guests as religion, art, etc. You are not alone in this; most cultivated specimens of *homo natura* think likewise. You are the conservative in this respect, and I the revolutionary. If I still had a lifetime of work ahead of me, I should dare to assign a home in my lowly little house to those highborn personages. I have already done so for religion since coming across the category ‘neurosis of mankind’. But we are probably speaking at cross purposes and it will take centuries before our differences are settled. In cordial friendship and with kind regards to your wife, Yours, Freud (8/10/1936, p. 212)

processo pode residir justamente na maneira de articulação. Não se trata de um modo explicativo causal, que busca justificativas. Trata-se de um modo radicado no aprofundamento que penetra nesta história, buscando suas ligações e articulações com a estrutura que vai se formando na medida em que a experiência se desenvolve. Trata-se de fazer girar os dados mencionados para que possamos apreender, através de fenômenos dignos de nota, como esta estrutura constitui-se espaço temporalmente e como esta constituição coabita todo o processo.

Acima dissemos que é possível observar quatro níveis distintos de relação entre Freud e Binswanger, o que pôde ser constatado através das correspondências. Essa possibilidade já nos remete a fecundidade e amplitude desse encontro.

Binswanger ficara admirado logo de início com o responsável por “aquele movimento cultural vindo de Viena”. Quis entrar em contato pessoal com este homem, Freud. Relatou como Freud, apesar dos ataques sofridos, mantinha uma atitude serena. Buscou ele próprio colocá-lo no devido lugar, dentro da psiquiatria, ressaltando a capital e sua decisiva importância. Sua tarefa foi elaborada ao longo de anos, e se concentrou, sobretudo no plano das ideias, plano que exige maior elaboração da experiência e, portanto, um maior caminhar sobre a temporalidade.

Talvez não possamos afirmar que a intensidade marcou a relação de ambos, embora encontremos várias referências mútuas de apreço. Se compararmos, por exemplo, a relação de Freud com Jung, que gerou 350 correspondências em um período de sete anos, temos números menos expressivos. Entretanto, podemos falar em uma relação duradoura: trinta anos, além dos textos publicados por Binswanger mesmo após o falecimento de Freud.

A menor explosão afetiva, ou se pensarmos, a menor incidência aguda dos afetos nessa relação pode ter contribuído para a maior dimensão temporal deste encontro (ou também a menor concentração dos sentimentos em um curto espaço vivencial e também temporal). Uma incidência menos incisiva e mais espalhada que não perdeu suas fronteiras. Este próprio modo de se relacionar abre espaço para uma continuidade, embora não a garanta. Poderíamos parafrasear então, de que se tratou de uma relação amorosa duradoura e não de um caso apaixonado.

Uma temporalidade construída calmamente, com paciência e respeito. Nas correspondências, é possível perceber que estavam, de uma forma ou de outra, preparando-se para o próximo encontro, para o futuro. Tratava-se, assim, de um encontro vivo, na medida em que o presente vivido entre eles não se encerrava ali mas, pelo contrário, abria possibilidades para o devir, para o

futuro. Futuro que nascia concatenado aos eventos precedentes, assim, um futuro temporalizado, um futuro com atmosfera de realidade possível.

A experiência que se temporaliza também é capaz de criar uma história, um passado, no qual se acumulam vivências. Este passado não aprisionou ambos em situações já vividas, conquanto, foi útil para que, sobretudo Binswanger, pudesse analisar criticamente aquilo que viveu com Freud, tanto no plano pessoal, como no plano teórico. A história permite uma análise retrospectiva e a demonstração de como os afetos não comprimiram sua relação. O passado, reservatório das lembranças, é tratado em conexão temporal com o presente.

A análise retrospectiva feita por Binswanger (no artigo “Meu caminho em direção a Freud”, 1956) permite-lhe observar quais foram os rumos de suas próprias ideias, que gradativamente se afastaram da psicanálise. Embora seja uma análise que busca apontar diferenças e divergências, não encontramos qualquer forma de desmerecimento ou menosprezo de Binswanger com relação à psicanálise. Mais do que elegância e *savoir faire*, percebemos reflexões concisas nas quais o apreço da amizade não abala a capacidade crítica, mas garante um clima de cordialidade e bom trato que convidam qualquer leitor a conhecer mais a respeito das escolas de pensamento. Assim, a crítica de Binswanger convida a aproximação, não ao afastamento.

Esta maneira de divergir nos revela então que a ambição jamais foi a de supremacia ideológica de uma escola ou de uma prática sobre outra, senão uma tentativa genuína de debate e de troca. Também não encontramos esta ambição nos níveis institucionais e profissionais. Se pudermos por um momento dar um salto para os tempos atuais, perceberemos a riqueza e a importância desse modo de se relacionar. E quão precioso é poder divergir no plano da horizontalidade e não da verticalidade das ideias, deixando de lado qualquer necessidade de uso do poder para compor a experiência. Se o dito popular nos lembra que “amigos, amigos, negócios a parte”, ressaltando que divergências e dificuldades podem colocar a amizade em risco, observamos nessa situação uma outra possibilidade: “amigos, amigos, os negócios fazem parte”, desde que a ambição não seja ganhar, mas sim efetivamente, negociar.

Os espaços vivenciais de cada um e mesmo o espaço comum de ambos foi possibilitado e ampliado. Não encontramos uma superposição em nenhum momento, não encontramos uma proximidade excessiva, tampouco encontramos uma ruptura. Freud permaneceu vivo para Binswanger mesmo após sua morte. Ambos se corresponderam até os últimos momentos da vida de Binswanger. Habitaram espaços de intimidade, de política e de construção teórica. Habitaram espaços internos, afetivamente configurados um dentro do

outro. Apesar da diferença de idade e mesmo de prestígio (sobretudo no início), não encontramos um espaço hierarquizado de trato.

Montaigne nos fez pensar na existência de ambos como um dos principais fatores para sua relação, e de fato, podemos dizer que se tratam de dois grandes homens que criaram muitas coisas ao redor de si. Amizade que não pode ser encarada como qualquer ocorrência. Há poucos sentimentos e poucos fenômenos mais importantes e mais humanos do que a amizade. Amizade que não é ocorrência natural, mas sim atitude intencional, que exige e mobiliza esforços de um e de outro. Figuras marcantes que foram, encarregaram-se de criar e construir trajetórias próprias.

A estrutura dessa relação, de acordo com nossa intenção, é justamente a amizade, livre e admirável que permeou e nutriu os diversos níveis dessa interação. Em um tempo onde falar de assuntos psíquicos, dizer-se cientista da mente é reproduzir modelos e muitas vezes lançar mão do poder para debater, parece-nos indispensável manter esta história viva. Esta amizade é testemunha de que há possibilidades reais e concretas de prosseguir, diferentes de uma submissão ao *mainstream* atual.

O jovem Binswanger amadureceu às voltas com esta amizade e, se confiarmos em suas palavras, quando diz que Freud foi a maior experiência humana com quem conviveu, é difícil negarmos as influências recebidas. O maduro Freud buscava provavelmente um herdeiro, mas diferentemente de outras situações que viveu, a decepção com a recusa de Binswanger a ocupar este lugar não os afastou. Foram capazes de suportar as diferenças e ainda sim manter a admiração; e mais do que admiração, gerar ideias e debate.

Já maduro, Binswanger acompanhou o falecimento de Freud. Dez anos mais tarde resolveu escrever as suas lembranças sobre a amizade de ambos. A psicanálise permaneceu um campo independente do saber. A análise existencial (apoiando-se na fenomenologia), da mesma forma, conseguiu alcançar seu espaço próprio. Ambas constituem, como diz Rollo May, duas das mais preciosas escolas de pensamento sobre o psiquismo e a condição humana. É notório o quão atrelados aos seus campos estiveram Freud e Binswanger. O artigo pretendeu abrir espaço para que pudéssemos nos aproximar dos homens Freud e Binswanger e, sobretudo, de sua amizade, temática infrequente nas discussões ao redor deste campo.

Referências Bibliográficas

Binswanger, L. (1970). *Analyse existentielle, psychiatrie clinique et psychanalyse. Discours, parcours et Freud*. Paris: Gallimard.

Fichtner, G. (2003). *The Sigmund Freud- Ludwig Binswanger Correspondence 1908-1938*. London: Open Gate Press.

Freud, S. (2006). Projeto para uma Psicologia Científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 1, pp. 347-394). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 e escrito em 1895).

_____. (2006). A questão da análise leiga. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. XX, pp. 173-241). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

_____. (2006). Psicanálise e Psiquiatria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. XVI, pp. 251-263). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).

Gross, C. (2009). *Ludwig Binswanger: entre phenomenology et experience psychiatrique*. Chatou, France: Les Éditions de La Transparence.

Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud vol. II*, pp. 80-118. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago.

Montaigne, M. (2002). *Os Ensaios Livro 1*, p. 281. Tradução Rosemary Costhek Abílio. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Gross, C. (2009). *Ludwig Binswanger: entre phenomenology et experience psychiatrique*. Chatou, France: Les Éditions de La Transparence.

Messas, G. P. (2012). Observações sobre estrutura e materialidade na Psicologia Fenomenológica. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 1 (1), 181-197.

Molaro, A. & Civita, A. (2012). *Binswanger e Freud: Tra psiconalisi, psichiatria e fenomenologia*. Milano: Libreria Cortina.

<http://www.independent.co.uk/news/obituaries/arnold-j-pomerans-6144212.html>

<http://www.deepdyve.com/lp/edinburgh-university-press/the-archaeology-of-freud-s-reading-freud-s-library-a-comprehensive-0v60n31swV>

<http://www.oocities.org/eduriedades/rollomay.html>

http://www.researchgate.net/publication/17839180_The_Burghlzli_centenary

Vieira, M. A. (2002). O lugar da psicanálise na medicina- introdução à conferência de Jacques Lacan, *Cadernos do IPUB, VIII (21), (Ciência e saber no campo da saúde mental)*, ago/set, 114-118.